

ESTRATÉGIAS

Salvem a ciência britânica!

Três novos relatórios sobre a situação dos jovens pesquisadores britânicos reforçam a visão de que muitos deles estão abandonando o universo acadêmico, desencorajados por salários e perspectivas insatisfatórias da carreira científica, informou a *Nature* de 30 de março passado. Dois dos relatórios, publicados naquele mesmo dia pelo *Wellcome Trust*, ressaltam que jovens pesquisadores beneficiados por generosas bolsas de doutorado dessa instituição experimentam, depois, na maior parte dos postos acadêmicos, queda nos salários líquidos e uma considerável desilusão com o mundo acadêmico. O grupo *Save British Science*, por sua vez, em relatório baseado num levantamento feito entre estudantes de ciência de nível superior, mostrou que muitos deles consideram muito baixa a bolsa de doutorado de 6,5 mil libras ao ano (US\$10,3 mil). Os estudantes também foram unânimes na avaliação de que em nenhum estágio receberam informação suficiente que os capacitasse a fazer boas escolhas na carreira.

Demissão para acalmar professores

Derrotado pela poderosa comunidade científica francesa e por professores dos vários níveis de ensino,



LAURABEATRIZ

Claude Allègre perdeu no fim de março o cargo de ministro da Educação Nacional, da Pesquisa e da Tecnologia. O primeiro ministro Lionel Jospin, amigo de longa data de Allègre, decidiu afastá-lo depois que a impopularidade do ministro entre os professores atingiu um ponto crítico, culminando com grandes manifestações de rua para exigir sua demissão. Pesquisa e educação estão agora divididas em diferentes ministérios, cada um liderado por um político. O ministro de Pesquisa é Roger-Gérard Schwarzenberg, um parlamentar de esquerda e especialista em leis que foi secretário de Educação no começo da década de 80. E Jack Lang, ex-ministro da Cultura e um dos mais populares políticos franceses, é o ministro da Educação.

Índia e EUA retiram o frango do freezer

Regunath Mashelkar, presidente do Conselho de Pesquisa Científica e Industrial da Índia, descreve a colaboração com os Estados Unidos como um “frango congelado” que, em decorrência de tensões políticas entre os países, foi deixado no freezer por nove anos. Mas há cerca de dois meses, informa a *Nature* de 30 de março, os dois países concordaram em instituir um fórum conjunto para promover uma maior interação entre os institutos de pesquisa do governo, as universidades e a indústria privada. Apesar da relativa falta de recursos e de um programa incerto, assessores do governo indiano dizem que a criação do fórum, que deve começar a funcionar em junho, marca um passo importante para a renovação de relações científicas entre os dois países. “O fórum tirou o frango do freezer”, disse Mashelkar.

O acordo foi assinado pela secretária de Estado dos Estados Unidos, Madeleine Albright, e pelo ministro da Ciência indiano, Murli Manohar Joshi, durante a visita do presidente Bill Clinton a Nova Délhi. A cooperação científica entre os dois países atingiu seu ápice nos anos 80 e declinou nos

anos 90, quando os EUA queriam que a Índia assinasse a Convenção de Paris (finalmente assinada no ano passado) e promovesse a proteção de patentes para produtos desenvolvidos em programas conjuntos. A Índia primeiramente se recusou a introduzir emendas em sua lei sobre direitos de propriedade intelectual, que permitia patentes de processos, mas não de produtos (agora há uma nova lei de patentes no congresso). A cooperação também parou virtualmente porque Washington pretendia que a Índia acabasse com seu programa de mísseis e com os testes nucleares postos em prática dois anos atrás. “O fórum é um sinal de que



LAURABEATRIZ

a porta está se abrindo de novo”, disse Valangiman Ramamurthi, secretário para o Departamento de Ciência e Tecnologia. Os Estados Unidos não estão pondo dinheiro novo no fórum, apenas transferindo cerca de US\$ 7 milhões do agora extinto Fundo Estados Unidos-Índia.

Mais doutores, mais patentes

Tecnologia dá retorno? A questão foi tema de um simpósio promovido pela Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras (Anpei), no auditório da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), em 30 de março último.

A associação apresentou os resultados da última versão (a nona) da *Base de Dados Sobre Indicadores Empresariais de Inovação Tecnológica*, em que foram ouvidos representantes de 427 empresas de todos os tamanhos, desde micros a companhias de grande porte.

Alguns dos dados mais interessantes da pesquisa referem-se ao impacto da interação entre empresas e universidades. Vejamos: estabelecidos dois diferentes grupos de empresas conforme o grau de sua interação com universidades e centros de pesquisa, o primeiro com 47 empresas em que ela é mais intensa, e o segundo com 39 empresas em que essa interação é mais débil, verificou-se que, no primeiro, existem, em média, 113 funcionários por empresa (sendo 9 doutores) trabalhando em pesquisa, desenvolvimento e engenharia (P&D&E), enquanto no segundo há, em média, 21 funcionários por empresa nessas atividades (apenas 0,05 doutor). Mais importante: no primeiro grupo, que tem mais profissionais com doutorado, registraram-se duas patentes por ano e por empresa; no outro,

apenas 0,8 patente por empresa no mesmo período. Dado importante também a considerar é que, no geral, a liderança no registro de patentes, nos últimos dez anos, vem sendo exercida pelas empresas nacionais (341 na pesquisa): elas apresentam um registro médio anual de 0,48 patente enquanto as multinacionais (86) respondem por 0,31 patente. Curioso é que as multinacionais tiveram, em 1998, um valor médio de dispêndios em P&D&E de US\$ 4,6 milhões, enquanto as nacionais despenderam em média US\$ 1,9 milhão.

Lucros da inovação tecnológica

No simpósio organizado pela Anpei foram apresentados três casos de sucesso do desenvolvimento de tecnologia dentro da empresa, bem expressos em lucros e maior participação de mercado. O primeiro foi o da Embraer, relatado pelo gerente de desenvolvimento tecnológico da empresa, Hugo Borelli Rezende, que detalhou o permanente esforço de inovação tecnológica da empresa para atingir e se manter na liderança do mercado mundial de aviões a jato regionais. No caso da Johnson & Johnson, seu gerente de P&D, Antonio Carlos Ribeiro, mostrou que 41% do faturamento da empresa depende da atividade de P&D&E. O último caso de sucesso apresentado foi o da Itautec-Philco, com destaque para os sistemas de automação bancária, terminais de pontos-de-venda



LAURABEATRIZ

Renovação no Conselho Superior

Os professores Ricardo Renzo Brentani e Vahan Agopyan são os dois novos membros do Conselho Superior da FAPESP. Eles substituem os professores Ruy Laurenti e Celso de Barros Gomes que terminaram o mandato. No decreto assinado em 14 de abril pelo governador Mário Covas, também consta a indicação de Adilson Avansi de Abreu, reconduzido a um novo mandato de seis anos. Os três representam a USP. Brentani é professor da Faculdade de Medicina e diretor do Instituto Ludwig. Agopyan é vice-diretor da Escola Politécnica. No dia 15 de maio haverá a eleição da lista tríplice que será enviada ao governador para a escolha de mais um membro do Conselho Superior. Dessa vez, a representação refere-se aos Institutos de Ensino Superior e de Pesquisa, oficiais ou particulares. Estão inscritos 17 professores de 12 instituições.

Homenagem aos consultores

A FAPESP homenageou, em 21 de março passado, os membros do *Steering Committee* do projeto Genoma da *Xylella fastidiosa* com placas de reconhecimento à sua contribuição à ciência brasileira. Estavam presentes os pesquisadores André Goffeau e Steve Oliver. Mas as placas foram destinadas também a John Sgouros, Antonio Paiva e João Lúcio de Azevedo.